

INTRODUÇÃO AS CIÊNCIAS SOCIAIS PROFA. MARIA ELISA

O indivíduo, a cultura e a sociedade*

RALPH LINTON

Por ora é suficiente definir cultura como a maneira de viver de uma sociedade. Esta maneira de viver compreende inúmeros pormenores referentes ao comportamento, mas entre eles há sempre fatores em comum. Representam todos a atitude normal e previsível de qualquer dos membros da sociedade diante de uma dada situação. Em consequência, apesar do número infinito de pequenas variantes que podem ser encontradas na atitude de alguns indivíduos, ou mesmo nas atitudes de um mesmo indivíduo em momentos diferentes, verificar-se-á que a maior parte das pessoas, em uma sociedade, reagirá geralmente da mesma forma a uma situação dada. Por exemplo: na nossa sociedade, quase toda gente se alimenta três vezes por dia e toma uma dessas refeições aproximadamente ao meio-dia. Além disso, aqueles que não seguem esta rotina são considerados esquisitos. Um tal consenso sobre a conduta e a opinião constitui um padrão cultural; a cultura, como um todo, é um conjunto mais ou menos organizado de tais padrões.

A cultura, como um todo, proporciona aos membros de uma sociedade um guia indispensável em todos os campos da vida. Sem ela, tanto a sociedade como seus membros estariam impossibilitados de funcionar eficientemente. O fato de a maioria dos membros da sociedade reagir a uma dada situação de determinada forma capacita qualquer um a prever o comportamento,

(*) *The Cultural Background of Personality*, por Ralph Linton, Routledge & Kegan Paul Ltd., Londres, 1952, págs. 12-8.

com um alto grau de probabilidade, se bem que jamais com absoluta certeza. Essa previsão é um pré-requisito em todo tipo de vida social organizada. Se o indivíduo vai trabalhar para outros, precisa estar seguro de ser recompensado. A existência dos padrões culturais lhe proporciona essa segurança, com seu fundamento na aprovação social e no poder conseqüente da pressão social sobre aqueles que não se lhes amoldam. Além disso, através de longa experiência e, em grande parte, pelo emprêgo do método de tentativa e erro, os padrões culturais característicos de qualquer sociedade vêm-se ajustando uns aos outros estreitamente: o indivíduo terá bons resultados se os aceitar e maus, ou mesmo negativos, se não o fizer. O velho provérbio "estando em Roma age como romano" está baseado em observações sensatas, desde que em Roma, como em qualquer outra sociedade, as coisas se organizam em termos de padrões culturais locais, com poucos meios de libertação dos mesmos. Um exemplo seriam as dificuldades de um inglês à procura de seu chá numa cidadezinha do Oeste médio dos Estados Unidos.

A existência de padrões culturais é necessária tanto para o funcionamento de qualquer sociedade, como para sua conservação. A estrutura, isto é, o sistema de organização de uma sociedade é, em si, um aspecto da cultura. Embora com propósitos descritivos possamos recorrer a analogias espaciais e reduzir um tal sistema a termos de posições, estas posições não podem ser definidas de maneira adequada a não ser em função da conduta que se espera de seus ocupantes. Certas características de idade, sexo, relações biológicas podem constituir pré-requisitos para a ocupação de determinadas posições pelo indivíduo, mas mesmo a designação de tais pré-requisitos constitui uma questão cultural. Assim, as posições de pai e filho em nosso sistema social não podem ser esclarecidas por nenhuma afirmação relativa às relações biológicas existentes entre ambos. É preciso relacionar o comportamento culturalmente padronizado dos ocupantes dessas posições, um em relação a outro. Quando se trata de posições tais como as de empregador e empregado, torna-se impossível defini-las, a não ser em termos daquilo que se espera que os ocupantes das duas posições façam (ou possivelmente façam) um pelo outro. Uma posição em um sistema social, tão diferente

do indivíduo ou indivíduos que possam ocupá-la em um certo momento, é realmente uma configuração de padrões culturais. Da mesma forma, o sistema social como um todo é uma configuração ainda mais extensa de padrões culturais. Esta configuração proporciona ao indivíduo técnicas para a vida do grupo e para a interação social, da mesma forma que outras configurações de padrões, também dentro da cultura total, lhe proporcionam técnicas para exploração do meio natural ou para proteger-se de poderes sobrenaturais. As sociedades se perpetuam ensinando aos indivíduos de cada geração os padrões culturais referentes às posições que se espera que ocupem na sociedade. Os novos recrutas da sociedade aprendem como se comportar como maridos, chefes ou artesãos e assim perpetuam estas posições e com elas o sistema social como um todo. Sem a cultura não poderia haver sistemas sociais do tipo humano, nem a possibilidade de ajustamento de novos membros do grupo a eles.

Percebo que a discussão precedente a respeito da ênfase da sociedade e da cultura se baseou principalmente sobre o papel passivo do indivíduo e de como este é amoldado por fatores culturais e sociais. É tempo de apresentarmos o outro lado da questão. Qualquer que seja o cuidado com que o indivíduo seja treinado e o grau de perfeição de seu condicionamento, ele permanecerá um organismo distinto, com necessidades próprias e capacitado para pensar, sentir e agir com independência. Além disso, retém um grau considerável de individualidade. Sua integração na sociedade e na cultura não vai além das respostas aprendidas e embora no adulto isso inclua a maior parte do que ele chama personalidade, resta ainda uma boa porção de individualidade. Mesmo nas sociedades e culturas mais integradas nunca duas pessoas são exatamente iguais.

* O indivíduo desempenha na realidade um papel duplo em relação à cultura. Em circunstâncias normais, quanto mais perfeito seu condicionamento e conseqüente integração na estrutura social, tanto mais efetiva sua contribuição para o funcionamento uniforme do todo e mais segura sua recompensa. Entretanto, as sociedades existem e funcionam num mundo em perpétua mudança. A aptidão sem paralelos de nossa espécie para o ajustamento a condições em mudança e desenvolvimento de

reações cada vez mais eficazes a situações comuns, se fundamenta no indivíduo que sobrevive em cada um de nós, apesar da influência decisiva da sociedade e da cultura. Como uma simples unidade no organismo social, o indivíduo perpetua o *status quo*. Como indivíduo, ajuda a transformá-lo quando há necessidade. Desde que nenhum ambiente se apresente completamente estacionário, nenhuma sociedade pode sobreviver sem o inventor ocasional e sem sua capacidade para encontrar soluções para novos problemas. Embora ele, geralmente, invente sob pressão que compartilha com outros membros da sociedade, são as próprias necessidades que o levam à invenção. O primeiro homem que se embrulhou numa pele ou alimentou o fogo não o fez consciente da necessidade que tinha a sociedade dessas inovações, mas porque sentia frio. Passando a um nível mais alto de complexidade cultural, qualquer que seja o mal que faça uma instituição a uma sociedade em face de condições em mudança, o estímulo para transformá-la ou abandoná-la não vem nunca do indivíduo sobre o qual ela não pesa. Novas invenções sociais são feitas por aqueles que sofrem por causa das condições reinantes e pelos que aproveitam com elas.

A compreensão do papel duplo dos indivíduos, como indivíduos e como unidades sociais, nos dá a chave de muitos problemas que perturbam os estudiosos do comportamento humano. A fim de funcionar bem como unidade social, o indivíduo deve assumir certas formas estereotipadas de comportamento, ou melhor, certos padrões culturais. Muitos desses padrões estão mais orientados para a manutenção da sociedade que para a satisfação de necessidades individuais. As sociedades são organismos de determinada espécie e tornou-se prática comum falar de suas necessidades próprias, diferentes das dos indivíduos que as compõem. Uma tal prática leva a implicações pouco felizes, desde que os atributos das sociedades são bem diferentes dos de organismos vivos. É mais seguro falar das necessidades implícitas na situação social, dizendo que uma sociedade não pode subsistir através do tempo, nem funcionar bem em tempo algum, a menos que a cultura que lhe está associada preencha certas condições. Esta cultura deve incluir técnicas para a incorporação de novos indivíduos no sistema de valores sociais e em sua

preparação para ocupar os lugares determinados na estrutura. É preciso também incluir técnicas de recompensa para o comportamento socialmente apreciado e de desencorajamento para o socialmente indesejável. Por fim, os padrões de comportamento que compõem a cultura se devem ajustar uns aos outros de tal forma que evitem conflitos e impeçam que os resultados de um padrão de comportamento anulem os de outro. Todas as sociedades desenvolveram culturas que preenchem tais condições, embora os processos envolvidos no seu desenvolvimento sejam ainda obscuros.